

TNSC

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS



8 JUN 25

A photograph of a conductor in a black suit standing in front of an orchestra. The conductor is smiling and gesturing with his right hand towards a grand piano on the right. The orchestra members, including violinists and a double bass player, are seated behind him, some clapping. The scene is set in a concert hall with dark wood paneling and stage lighting.

MÚSICA FRANCESA ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

**ARTES
PERFORMATIVAS
E PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Grande Auditório
Domingo, 17h00
Duração aproximada: 80 min.
M/6

Piano **António Rosado**

Direção musical **Antonio Pirolli**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Conselho de Administração do OPART, E.P.E.

Presidente **Conceição Amaral**

Vogal **Rui Moraes**

Vogal **Sofia Meneses**

Comissão Artística

Coordenador **João Paulo Santos**

Antonio Pirolli

Giampaolo Vessella

Conselho de Administração do CCB

Presidente **Nuno Vassallo e Silva**

Vogal **Madalena Reis**

Direção Artística de Artes Performativas e Pensamento

Aida Tavares

Paul Dukas (1865–1935)

O Aprendiz de Feiticeiro (12')

Camille Saint-Saëns (1835–1921)

Concerto n.º 5 em Fá Maior para piano e orquestra, op. 103,
«Egípcio» (29')

Allegro animato

Andante – Allegretto tranquillo quasi andantino – Andante

Molto allegro

Claude Debussy (1862–1918)

Prelúdio à Sesta de um Fauno (10')

Maurice Ravel (1875–1937)

Dáfnis e Cloé, Suíte n.º 2 (18')

Lever du jour – Pantomime – Danse générale

FIN-DE-SIÈCLE

De relance, a desenvoltura formal e as inovações tímbricas que se fizeram sentir em França na transição do século XIX para o século XX, as quais rompiam com o conservadorismo romântico, afastam Saint-Saëns, num lado, de Dukas, Debussy e Ravel, noutro. Para além de pertencerem a diferentes gerações, a repulsa que o primeiro manifestou a respeito dos movimentos simbolista e impressionista não favoreceu a sua reputação póstuma. Mas também na contraparte se distinguem personalidades divergentes, sendo inclusivamente conhecida alguma rivalidade entre Debussy e Ravel. Ainda assim, há um denso emaranhado de relações que enlaça todos estes músicos e, em particular, as obras aqui reunidas. Quando morreu, em 1921, Saint-Saëns tinha 86 anos e parecia «ultrapassado». Havia sido, no entanto, um dos compositores mais progressistas desde a década de 1850 em diante. Na senda de Liszt, a *Dance Macabre* (1874) contribuiu para a emergência do poema sinfónico em França. Destaca-se aqui esta orientação criativa. Ainda que nem sempre de maneira estrita, ela desafia a imaginação do ouvinte ao longo de todo o programa.

O «Concerto Egípcio» tomou esse nome logo depois de o próprio compositor o ter estreado enquanto solista, por ocasião da celebração dos 50 anos da sua carreira, em 1896, na antiga Salle Pleyel. A obra parece aludir a uma experiência vivida pelo músico no inverno anterior, quando atravessou o Mediterrâneo. Num impulso evasivo, reflete o culto do exotismo, tão apreciado naquela época em Paris, e remete o ouvinte para a sugestão do Outro, para lugares e costumes distantes. Sem cuidar do rigor etnológico, idealiza uma alteridade cultural e geográfica com recursos estilísticos que alimentavam o fascínio pela diversidade do mundo. Assim, após um primeiro andamento que lembra o movimento das ondas e a disposição contemplativa numa viagem em alto-mar, o segundo evoca o Médio Oriente. Ilustra, inclusivamente, o coaxar dos sapos junto do rio Nilo e uma canção de amor pretensamente escutada na região de Núbia. No derradeiro andamento, desponta um ritmo aparentado com o *Ragtime*, em consonância com o entusiasmo da viagem. Com uma escrita cristalina e uma inspiração melódica notáveis, este é um concerto eminentemente virtuosístico que demonstra bem as competências de Saint-Saëns como pianista.

Tudo isto ressoa nas restantes obras. Não por acaso, o *Prelúdio à Sesta de um Fauno* (1894) e *O Aprendiz de Feiticeiro* (1897) estrearam em temporadas da Société Nationale de Musique – instituição fundada por Saint-Saëns nos tempos da Guerra Franco-Prussiana com a missão de promover a música instrumental francesa e contrariar a predominância do repertório germânico. No primeiro caso, Debussy também compôs a partir de um imaginário preexistente. Inspirou-se num poema homónimo de Mallarmé que, baseado na mitologia clássica, retrata a natureza e o hedonismo nos delírios eróticos de um fauno que, ao acordar da sesta, vislumbra as ninfas possuídas em sonho. Na partitura, resultam sonoridades difusas, mais afins à subjetividade do que à representação. A célebre melodia da flauta que lhe dá início, e que se repete até à exaustão, é muito mais do que uma melodia, substancia-se em enredo dramático. Debussy apresentava assim novas soluções de escrita, ao encontro das tendências estéticas do *fin-de-siècle*.

Por seu turno, Dukas optou por um poema de Goethe que também recua à Grécia Antiga para recriar livremente o diálogo satírico *O Amante das Mentiras*, escrito por Luciano de Samósata no século II. Enredo e música tornaram-se populares em 1940, quando Walt Disney confiou o papel de aprendiz ao rato Mickey no filme *Fantasia*. Na tentativa de imitar o seu mestre, o criado de um feiticeiro soletra as palavras mágicas que lhe permitem dominar uma vassoura. Ordena-lhe que encha baldes com água, mas logo perde o controlo do feitiço. A vassoura repete a tarefa continuamente até inundar a casa. Desesperado, o aprendiz pega num machado e quebra a vassoura pelo meio, mas esta retoma prontamente. Por fim, o mágico regressa a casa e restabelece a ordem. No desenrolar da música, é possível identificar a estrutura de uma Forma Sonata assente em quatro motivos musicais que se reconhecem distintamente: a água, a vassoura, o aprendiz e o feiticeiro.

Já a música de *Dáfnis e Cloé* teve origem num bailado dos Ballets Russes, estreado no Théâtre du Châtelet, a 8 de junho de 1912. Dez dias antes, a mesma companhia havia recuperado, com algum escândalo, o *Prelúdio* de Debussy, numa coreografia de Vaslav Nijinsky. Agora, a direção estava confiada a Michel Fokine, quem teve a ideia de coreografar uma visão arcaísta da Grécia Antiga a pretexto da leitura de um romance do poeta Longo, também do século II. É uma história de amor entre dois pastores. Cloé é raptada por um bando de piratas. Por intervenção divina, é resgatada, e o amor prevalece.

Ravel optou por idealizar de maneira onírica uma «Sinfonia Coreográfica», designação esta que se justifica pela coerência temática, pela solidez formal da composição e pelo aparatoso efetivo orquestral e coral. Da partitura resultaram duas suítes orquestrais. A n.º 2 corresponde à secção final do espetáculo, após a fuga dos bandidos e a libertação de Cloé. Tem início com a alvorada, quando a natureza desperta num crescendo de luz e cor. Efeitos orquestrais impressionistas ilustram o canto dos pássaros, o murmúrio da água e o nascer do sol.

Na «Pantomima», Dáfnis e Cloé transfiguram-se em Pã e Sírinx para encenar a paixão do reencontro; a flauta é, uma vez mais, símbolo de sensualidade. No final da suíte, celebra-se numa dança exuberante. Ressurge aí o exotismo num motivo emprestado da *Scheherazade* de Rimsky Korsakov, por sua vez inspirada n'As *Mil e Uma Noites*.

São quatro obras-primas do repertório sinfónico, todas elas extraordinariamente exigentes para os intérpretes. Compete-lhes recriar cenários fantasiosos de maneira impressiva e convincente, mas — como sempre acontece com a música francesa deste período — com extrema precisão e fluência. Em suma, parecendo fácil.

Rui Campos Leitão



© Attila Nagy

António Rosado

Piano

É um dos pianistas portugueses mais reconhecidos, com uma carreira nacional e internacional marcada pela versatilidade e profundidade interpretativa. O seu vasto repertório abrange compositores como Gershwin, Copland, Albéniz, Liszt, Debussy, Mozart e Beethoven. Foi o primeiro pianista português a interpretar integralmente os *Prelúdios e Estudos* de Debussy, bem como as sonatas completas de Mozart e Beethoven. Natural de Évora, iniciou os estudos musicais com o pai e concluiu o curso superior de piano no Conservatório Nacional de Lisboa. Aos 16 anos, prosseguiu a formação em Paris, tornando-se discípulo de Aldo Ciccolini no Conservatório Superior de Música e participando em cursos de aperfeiçoamento em Siena e Biella, Itália. Estreou-se em concerto em 1980 com a Orquestra Nacional de Toulouse, sob a direção de Michel Plasson, e desde então colaborou com diversas orquestras e maestros de renome internacional.

Na música de câmara, destacou-se em colaborações com músicos como Maurice Gendron, Gerardo Ribeiro e Paulo Gaio Lima, com quem interpretou a integral da obra de Beethoven para violoncelo e piano. A sua discografia inclui gravações de obras de Enescu, Vianna da Motta, Liszt, Schumann, Brahms, Rachmaninov e Fernando Lopes-Graça. Em 2022, lançou o álbum *Goyescas*, dedicado à suíte homónima de Enrique Granados. Esta gravação, realizada no Centro Cultural de Belém e editada pela Artway, foi amplamente elogiada pela crítica, destacando-se pela expressividade e pelo domínio técnico de Rosado. Foi laureado pela Academia Internacional Maurice Ravel e pela Academia Internacional Perosi, além de ter sido distinguido nos Concursos Internacionais Vianna da Motta e Alfredo Casella de Nápoles. Em 2007, recebeu do Governo francês o grau de «Cavaleiro das Artes e das Letras», reconhecendo a sua contribuição para a cultura.

Antonio Pirolli

Direção musical e maestro titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa

Natural de Roma, licenciou-se em piano, composição, música coral e direção de orquestra na Academia de Santa Cecília. Aperfeiçoou-se com Zoltán Peskó, Vladimir Delman e Rudolf Barshai, tendo conseguido o 3.º prémio no Concurso Arturo Toscanini de Parma. De 1995 a 2001, foi diretor musical no Teatro de Ópera de Ancara, ocupando, de 2001 a 2005, o mesmo cargo na Ópera Estatal de Istambul. Dos compromissos passados e mais recentes, destacam-se: *Lucia di Lammermoor* em Buenos Aires e Bari; *La Gioconda* em Santander; *Andrea Chénier* em Berlim e na Catânia; *Macbeth* em Lisboa; *Aida* em Copenhaga e Caracalla; *Il trovatore*, *Anna Bolena* e *Ernani* na Catânia; *Tosca* em Florença e Bari; *Turandot* em Copenhaga, Verona e Catânia; *Aroldo* em Bilbao; *O barbeiro de Sevilha* em Tóquio, Valência e Verona; *Carmen* em Copenhaga e Avenches; *Fausto* em Tóquio e Santander; *Um Baile de Máscaras* em Salerno e Lisboa; *Madama Butterfly* em Ancona; *Medeia* no circuito As.Li.Co.;

Norma em Trapani e Spalato; *Attila* em Lecce e Roma; *Otello* em Lisboa; *Manon Lescaut* em Torre del Lago; *Nabucco* em Caracalla e Lisboa; *Rigoletto* em Tóquio; *Falstaff* em Xangai; e *A Força do Destino* em Lisboa. Atualmente, é maestro titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki,

Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999–2001), Zoltán Peskó (2001–2004) e Julia Jones (2008–2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

Maestro titular **Antonio Pirolli**

I Violinos

Alexis Hatch
Alexander Stewart
Leonid Bykov
Regina Stewart
Alexander Mladenov
Margareta Sandros
Hasmik Duarte
Luís Santos
António Figueiredo
Jorge Gonçalves
Anabela Guerreiro
Nicholas Cooke
Ewa Michalska
Iskrena Yordanova

II Violinos

Paula Carneiro
Nariné Dellalian
Tomás Soares
Carmélia Silva
Flávia Marques
Katarina Majewska
Slawomir Sadlowski
Sara Cymbron
Maria Bykova
Kamélia Dimitrova
Tomás Costa
Witold Dziuba

Violas

Pedro Samglibeni Muñoz
Ceciliu Isfan
Irma Skenderi
Etelka Dudas
Ventzislav Grigorov
Maria Inês Monteiro
Isabel Pereira
Sandra Moura
Leonor Fleming*
Vladimir Demirev

Violoncelos

Alexandre Alvarez
Hilary Alper
Carolina Matos
João Matos
Diana Savova
Gueorgui Dimitrov
Emídio Coutinho
Luís Clode

Contrabaixos

Duncan Fox
José Mira
João Diogo
Rafael Aguiar
Maria Delmar

Flautas

Anabela Malarranha
Rui Matos (Picc)
Ana Baganha (Picc)
Inês Pinto (Alt)

Oboés

Luis Perez
Luis Marques

Clarinetes

Francisco Ribeiro
Cândida Oliveira
Joaquim Ribeiro (Mlb)
Jorge Trindade (Clb)

Fagotes

David Harrison
Joana Maia
Carolino Carreira
Roberto Erculiani (Cfg)

Trompas

Luis Vieira
Carlos Rosado
Paulo Guerreiro
Tracy Nabais

Trompetes

António Quítalo
Pedro Monteiro
Pedro Gonçalves* (crn)
Latchezar Goulev (crn)

Trombones

Hugo Assunção
Vítor Faria
Joaquim Rocha (Trbnb)

Tuba

Ilídio Massacote

Tímpanos

Elizabeth Davis

Percussão

Pedro Araújo E Silva
Lídio Correia
Daniel Pinheiro*
Francisco Fernandes*
Rafael Picamilho*
André Castro*
João Braga Simões*
Bernardo Ramos*

Harpa

Carmen Cardeal
Rebeca Csalog*

Celesta/Sistro

Nuno Lopes*

Reforços *



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB



**FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!**

ccb.pt/newsletter

PRÓXIMO CONCERTO

ORQUESTRA **SINFONIA N.º 5 DE SHOSTAKOVICH** ORQUESTRA XXI

«Emotiva e apaixonada, nostálgica e dramática, alegre e contagiante.»

Foi assim que o jornal *Público* descreveu a última apresentação da Orquestra XXI no CCB, que agora regressa ao Grande Auditório para um programa centrado na célebre 5.ª *Sinfonia* de Shostakovich. Criada em 2013, a Orquestra XXI reúne músicos portugueses residentes no estrangeiro e é dirigida pelo maestro Dinis Sousa, recentemente aclamado pelas suas apresentações um pouco por toda a Europa.

Conversa pré-concerto às 19h30 com o maestro Dinis Sousa,
diretor da Orquestra XXI. Atividade exclusiva para portadores
de bilhete para o concerto.

18 JULHO 2025

Sexta-feira, 20h00

Grande Auditório

M/6

Coprodução Centro Cultural de Belém, Orquestra XXI

Fotografia © Enric Vives Rubio



APOIOS

idealista

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

PARCEIROS PARA
A COMUNICAÇÃO

HORTO
DO ESPALHO DA LINGUA

ANTENA 2

APOIO INSTITUCIONAL

PARCEIRO INSTITUCIONAL

PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025

O EL CORTE INGLÉS APOIA O PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA DO CCB

